

Reportagem de
Torena Aubriff Klenk

Um foguete no céu protege as maçãs

Os fruticultores da região de Fraiburgo, em Santa Catarina, estão prestes a vencer o último round da luta para consolidar a maçã brasileira como um produto rentável e de boa qualidade. O maior e mais resistente inimigo da cultura, a chuva de granizo, deverá ser vencido já na próxima safra, quando 90 mil hectares de plantações estarão protegidos por moderno radar de granizo importado da União Soviética pela Associação dos Produtores de Maçã da região.

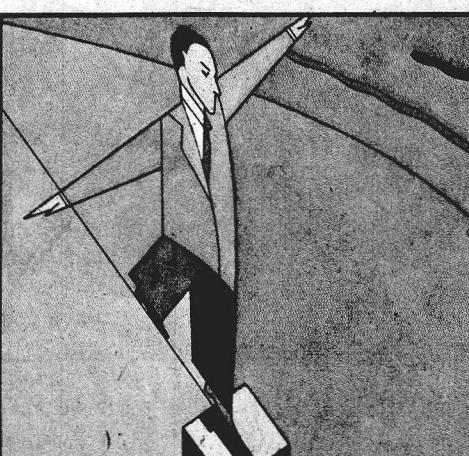
O Radar que custou US\$ 2,2 milhões é um bom exemplo de como funciona a economia da maçã em Fraiburgo: uma realidade onde a moeda é o dólar e o pensamento é avançar sempre. Fraiburgo com oito grandes e 36 pequenos produtores é

O governo diminui os impostos do uísque, mas aumenta o dos defensivos.

responsável por 42% (quase 200 mil toneladas ano passado) da produção nacional de maçã. Praticamente todos os seus 50 mil habitantes vivem disso. Só este ano, os grandes produtores vão investir nada menos que US\$ 12 milhões na construção de novos armazéns frigoríficos para as frutas.

A história da maçã brasileira passa quase toda por Fraiburgo. É uma história de triunfo rápido — a fruta foi introduzida na região em 1964 —, mas nem por isso sem dificuldades, a começar pelo clima brasileiro, impróprio para a cultura. Para completar naturalmente o ciclo que vai da dormência à florada, as macieiras precisam de no mínimo 800 horas anuais de frio abaixo dos 7 graus centígrados. Nas regiões brasileiras que produzem maçã de qualidade, a média de frio raramente ultrapassa as 600 horas anuais. O desafio foi vencido artificialmente, a partir do domínio da técnica de pulverização das macieiras com um fungicida à base de cobre, capaz de quebrar a dormência das plantas e fazê-las florescer.

Outro problema que vai sendo superado progressivamente é o da armazenagem. O presidente da associação local e nacional dos produtores de maçã, Luiz Borges Júnior, diz que ainda existe "uma certa má distribuição dos armazéns em Santa Catarina", com maior concentração das câmaras frigoríficas em Fraiburgo. Mas, segundo ele, esse não é mais um fator limitante para a produção. Os pequenos produtores, que não têm acesso aos armazéns, diz ele, vendem a produção logo no início da safra para os chamados "marreiros", os homens que encostam os cami-



nhões nos pomares e dali carregam a maçã para todos os pontos do país.

Para uma previsão de safra de 203 mil toneladas de maçã este ano, Santa Catarina tem capacidade para armazenar quase 119 mil toneladas, um número que Borges Júnior considera muito bom. Este ano, deverão ser construídos no Es-

tado armazéns para mais 25 mil toneladas, 20 mil das quais só em Fraiburgo. Serão todos armazéns de atmosfera controlada, requerendo um investimento de US\$ 500 por tonelada de armazenagem, para garantir a qualidade da maçã que deverá ser colocada no mercado a partir de setembro, quando ainda faltam dois meses para o início da próxima safra.

No que depender da disposição de investimento dos grandes produtores de maçã de Fraiburgo, parece que a cultura não tem outro caminho senão crescer cada vez mais. Mas o problema, dizem eles, é o governo. Os produtores têm duas queixas principais. A primeira é o custo dos agrotóxicos, elevado pelas tarifas aduaneiras que o governo aumentou, ao mesmo tempo em que baixava as de produtos como o uísque. "Temos os defensivos mais caros do mundo", protesta Luiz Borges Júnior, mostrando uma lista de comparações com os preços no Chile em que alguns produtos apresentam diferenças superiores a 100% a mais, aqui no Brasil.

Outra reclamação é quanto à política de importações traçada pelo governo brasileiro, que só fixa cotas para alguns meses

As maçãs brasileiras são consideradas as mais saborosas do mundo

do ano, mantendo as quantias livres nos períodos restantes. "A Argentina, por exemplo, está em crise e não tem mercado interno. Com o mercado brasileiro livre, vai mandar para cá tudo o que não consumir, prejudicando as nossas vendas", prevê Borges Júnior. A proposta do presidente da Associação Brasileira de Produtores de Maçã (ABPM) é de que o governo faça uma média da importação dos últimos cinco anos, deduza 10% do total e, a partir disso, fixe cotas anuais para cada país.

Com os custos de produção aumentando e a concorrência diminuindo os preços de venda, o fruticultor tem que produzir mais a cada ano para conseguir remunerar o investimento. Em 1982, bastavam 8 toneladas por hectare. Hoje são necessárias 18 toneladas e, a partir de 93, segundo o cálculo de Luiz Borges Júnior, quem não produzir 35 toneladas por hectare estará fora do mercado.



Em Fraiburgo, os pomares mais novos já conseguem essa marca e produzem uma maçã que há três anos começou a conquistar espaços no exigente mercado europeu. O presidente da ABPM afirma que a maçã brasileira é tida lá fora como a mais saborosa do mundo. Ano passado, chegaram à Europa 4 mil toneladas de maçã produzidas aqui, e há capacidade para exportar, em pouco tempo, 80 mil toneladas anuais.

Mas os produtores preferem não ir com muita sede ao pote, para garantir a qualidade. Este ano, a Associação dos Produtores de Maçã de Fraiburgo deu

A cada ano, são gastos US\$ 900 mil para combater o granizo.

lização do setor: contratou um técnico da Embrapa para acompanhar o trajeto da maçã da região, desde a colheita até a inspeção e a distribuição em supermercados da Europa. O estudo apresentado pelo técnico vai servir de base para a discussão das normas de exportação, a partir da próxima

safra. O mercado europeu, conta Borges Júnior, tem muito interesse na maçã brasileira porque ela, além de ser de boa qualidade, chega aos portos daquele continente em março, trinta dias antes das frutas da África do Sul e Nova Zelândia, tradicionais exportadoras de maçã.

A idéia de importar o radar de granizo persegue Luiz Borges Júnior desde 84, quando ele foi à província argentina de Mendoza acompanhar o funcionamento e os resultados de um sistema semelhante. Na época, entretanto, os produtores de Fraiburgo acharam o custo muito alto. A resistência foi vencida pelos números que mostram o tamanho do prejuízo causado pela falta do equipamento. A cada ano os produtores gastam cerca de US\$ 900 mil no combate ao granizo, mas o resultado é um prejuízo nunca inferior a US\$ 1 milhão por safra.

São dois problemas: primeiro, que os produtores não têm um instrumento para identificar com precisão quais são e onde estão as nuvens de granizo. Com isso, é grande o desperdício de foguetes antigranizo lançados ao céu, na tentativa de evitar a formação das indesejáveis pedras de gelo. Outro problema é que os foguetes utili-



zados até agora, fabricados em Curitiba pela empresa Britanite, estão longe de garantir a eficiência de que os produtores necessitam.

Com o radar soviético, que entrará em funcionamento já para a próxima safra de maçã, Borges Júnior calcula que os gastos com o combate ao granizo devem cair pela metade. O investimento, segundo a previsão dele, estará recuperado em dois anos, quando a maçã brasileira já estiver bem mais perto de ser estrela no disputado mercado internacional.

Compare os dois mundos

Brasil real

• A Kenner, uma indústria de tênis e sandálias do Rio de Janeiro, investiu US\$ 2 milhões, nos últimos dois anos, para desenvolver um novo produto sintético, de olho no disputado mercado de 250 milhões de pares de sandálias por ano. A empresa está lançando uma nova linha fabricada com espuma de borracha, um novo produto. O próximo passo da empresa é tentar entrar no mercado americano, onde são vendidos mais de 1 bilhão de pares de sandálias.

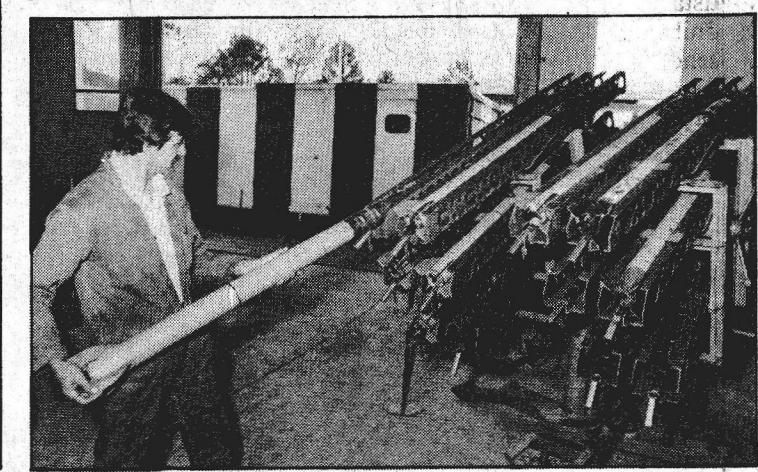
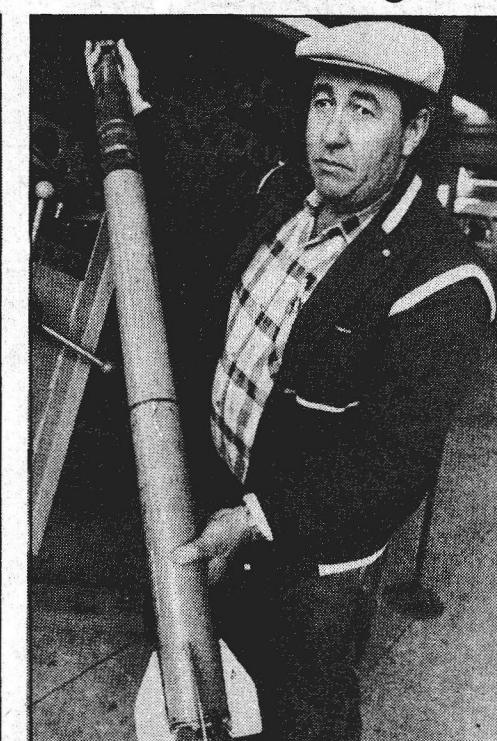
Brasil oficial

• Apesar de felicitar o tenente-brigadeiro Murillo Santos, a FAB — Força Aérea Brasileira — mobilizou, na quarta-feira, três aviões carregados de familiares, companheiros de caserna e jornalistas para a viagem Brasília-Rio de Janeiro, onde o homenageado fazia sua noite de autógrafos no lançamento do livro "A evolução do Poder Aéreo". Murillo Santos foi chefe de gabinete do ministro da Aeronáutica, Octávio Moreira Lima, patrocinador da viagem.

O BRASIL REAL

Os produtores de maçã de Fraiburgo, em Santa Catarina, devem colher, este ano, 200 mil toneladas de frutas. Sobra dinheiro, entre eles, para investir na construção de silos, armazéns e até mesmo na compra de um avançadíssimo radar de granizo.

Amanhã, Campos Novos, que só tem seis meses de vida e já vai colher 10 milhões de sacas de soja.



Para manter a qualidade da maçã da região, o presidente da Associação dos Produtores, Luiz Borges Júnior, mostra o foguete que dissipava a chuva de granizo — uma arma que se completa com o radar soviético, já encomendado, e que será posto em operação a partir do ano que vem.